

ELEIÇÕES

Atentados marcam pré-campanha

Ataques a políticos e à imprensa preocupam autoridades e partidos, que temem o aumento da violência nas próximas semanas

» LUANA PATRIOLINO

Até menos de três meses das eleições, o Brasil enfrenta momentos de tensão em meio ao acirramento político. No Rio de Janeiro, um artefato com fezes foi lançado perto do comício do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Em Brasília, o juiz que mandou prender o ex-ministro Milton Ribeiro teve o carro atacado com dejetos e terra. Agora, as forças de segurança trabalham para evitar que novos atentados aconteçam neste contexto — com consequências que podem ser ainda mais graves.

Os episódios desta semana não são isolados. Em fevereiro, Lula mudou-se de São Bernardo do Campo para São Paulo por motivos de segurança. No fim de junho, um drone jogou fezes e urina em outro evento da pré-campanha que teve a presença de Lula, em Belo Horizonte. Diante da situação, pré-candidatos reforçaram a segurança e deixaram de divulgar trajetos e horários exatos dos compromissos pré-eleitorais.

Investigações da Polícia Federal e do Supremo Tribunal Federal (STF) apontam que grupos de ódio e radicais políticos se reúnem nas redes sociais e fóruns anônimos para organizar ataques a políticos e instituições. Na maioria das vezes, essas agressões ficam circunscritas ao meio virtual, com a disseminação de notícias falsas e xingamentos direcionados a autoridades, por exemplo. No entanto, a cada dia, cresce mais o número de atos hostis no mundo real.

Jornal é alvo

Veículos e profissionais de imprensa também são ameaçados. Além das intimidações pela internet a diversos comunicadores, nesta semana, a sede do jornal *Folha de S.Paulo*, na capital paulista, foi atingida por um projétil disparado durante a noite. Segundo o diário, jornalistas

Ed Alves/CB/D.A.Press



Polícia Federal monitora ações de grupos radicais na internet, que alimentam o discurso de ódio que contamina a pré-campanha eleitoral

que estavam no local escutaram um estampido vindo da rua. O tiro quebrou a janela da redação, mas ninguém se feriu.

Além da polícia e do Poder Judiciário, a escalada de atentados também chama atenção dos congressistas. Em audiência pública no Senado, nesta semana, o senador Humberto Costa (PT-PE) destacou que ataques contra a vida de candidatos cresceram exponencialmente nos últimos quatro anos. Ele destacou a obrigação dos poderes Legislativo e Executivo de promover um ambiente de segurança institucional e jurídica para a preservação da democracia.

"Atos violentos têm sido uma prática comum em várias regiões do país. Os casos de violência

política não atingem só políticos. Jornalistas, ativistas sociais, ambientalistas, inúmeros profissionais que lutam pela manutenção da democracia no nosso país são alvos constantes da intolerância daqueles que não admitem o contraditório, a oposição. O sistema eleitoral brasileiro não está livre desses ataques", disse o parlamentar.

O advogado Lucas Fernando Serafim Alves, especialista em direito penal, ressaltou que a legislação brasileira não tem uma punição específica para ataques no contexto político. "Por mais que nós tenhamos uma circunstância — que é um aumento dessa violência sistêmica contra o Judiciário, contra políticos, contra o jornalismo — é difícil punir isso

de uma maneira geral. É preciso reprimir essas ações individuais para que cause um amedrontamento desta prática criminosa", recomendou.

A advogada Amanda Bessoni Boudoux Salgado afirma que, no meio virtual, a lei já prevê casos de ameaças e intimidações. "Condutas como o envio de mensagens ameaçadoras por redes sociais ou por ataque a bens da vítima, como seu veículo, residência etc. podem configurar crimes caso essas ameaças sejam da provocação de mal injusto e grave, além de delitos contra a honra (como injúria) e, a depender do ocorrido, crime de dano caso seja destruído, inutilizado ou deteriorado o patrimônio da vítima", explica.



Jornalistas, ativistas sociais, ambientalistas, inúmeros profissionais que lutam pela manutenção da democracia são alvos constantes da intolerância daqueles que não admitem o contraditório, a oposição"

Humberto Costa (PT-PE), senador

Candidatos terão reforço na segurança

A Polícia Federal se prepara para agir em casos extremos por causa do cenário polarizado. A corporação se reuniu com partidos para traçar uma estratégia sobre a segurança e o número de agentes que devem atuar na proteção dos candidatos à Presidência durante a campanha eleitoral, que se inicia, oficialmente, em 16 de agosto.

Diante do cenário incerto e do contingente que essa segurança vai demandar, vários agentes têm passado por treinamento especializado na Academia de Polícia Federal. A corporação estima em 30 o número de policiais destacados para proteger cada candidato — contingente que pode mudar dependendo do grau de risco.

Juiz de Fora

A instituição tem antecipado suas ações na elaboração de planejamento operacional para as eleições presidenciais de 2022. A corporação teme atentados violentos contra os presidentiáveis, como o que aconteceu em 2018, com Jair Bolsonaro (PL), em Juiz de Fora (MG), quando o então candidato à Presidência sofreu um golpe de faca na região do abdômen, desferido por Adélio Bispo de Oliveira.

O especialista em segurança pública Leonardo Sant'Anna observa que a Polícia Federal adotou a estratégia de segurança após o episódio envolvendo Bolsonaro. "Nas últimas eleições, o Brasil mudou o conceito de proteção de candidatos durante o processo eleitoral. Nós não tínhamos casos concretos. Tínhamos ameaças, questionamentos, agressividade verbal, pela internet, mas nunca um caso real", ressaltou. (LP)

São Paulo terá três alianças fortes ao governo

» TAINÁ ANDRADE
» VICTOR CORREIA

Com as alianças formalizadas em São Paulo, a disputa no principal colégio eleitoral do país ganhou contornos mais delineados em relação à polarização nacional, com abertura para uma terceira via competitiva. De um lado, Tarcísio de Freitas (Republicanos), ex-ministro da Infraestrutura, candidato do presidente Jair Bolsonaro (PL), arrematou para o seu lado a força do cacique do PSD, Gilberto Kassab, nome conhecido dos paulistas.

Na ponta oposta, com a saída de Márcio França (PSB) da disputa pelo governo estadual, o palanque da esquerda se consolida em torno de um único nome — Fernando Haddad (PT) —, que terá ao seu lado, além do ex-presidente e líder nas pesquisas Lula, outra autoridade da política paulista, o ex-governador Geraldo Alckmin, do PSB.

As apostas do grupo bolsonarista são de que a rejeição histórica do PT no interior paulista abra vantagem para o nome de Tarcísio, que ainda é desconhecido do eleitorado médio. Além disso, há a associação com o próprio Jair Bolsonaro, que gera um efeito ainda não devidamente mensurado pelas pesquisas de intenção de votos.

Cezinha de Madureira (PSD-SP), que articulou o apoio de Kassab ao ex-ministro, diz que a aliança com Tarcísio foi uma decisão estratégica em que o próprio Kassab considerou positiva diante dos dados avaliados internamente. "Viu a pesquisa, os números fizeram com que ele fechasse essa aliança. Essa aproximação traz uma robustez para

Governo de SP



Ao atrair o União Brasil, o governador Rodrigo Garcia terá o maior tempo de propaganda no rádio e na tevê

o processo eleitoral do Tarcísio porque, onde o Kassab está, o eleitorado sabe que há uma credibilidade", explicou. O parlamentar estima que, no primeiro turno, o ex-ministro teria de 30 a 35% dos votos, mas, com as alianças, poderá chegar perto de 40%.

A coligação entre Republicanos e PSD em solo paulista foi uma resposta ao convite feito pelo PT a Kassab, de integrar a chapa de Haddad como suplente do candidato ao Senado (inicialmente, Márcio França). Para articuladores da campanha pesadista, os petistas não respeitaram a estatura política de Kassab. O presidente do PSD pleiteava a

vaga de vice na disputa paulista, que foi preenchida pelo correligionário Felício Ramuth, fechando a chapa com Tarcísio.

Haddad, que lidera com alguma folga as pesquisas de intenção de votos, recebe hoje o apoio oficial de França em evento marcado para Diadema, na Grande São Paulo. Ontem, o pessebista divulgou vídeo em suas redes sociais confirmando sua saída da corrida pelo Palácio dos Bandeirantes, para disputar o Senado pela coligação de esquerda, decisão que já era dada como certa no mundo político. "Há tempo eu prometi. Foi muito difícil, mas eu me comprometi: quem estivesse na

frente nas pesquisas poderia ser o candidato do nosso campo político", explicou França. "Fernando (Haddad), vai você. Nós vamos juntos."

A saída de Márcio França reforça a campanha de Haddad e resolve um dos vários conflitos entre PT e PSB pelos palanques estaduais. O gesto de França terá, inclusive, repercussões. Segundo interlocutores do PT, a desistência do senador Fabiano Contarato (PT-ES) de concorrer ao governo do Espírito Santo abrirá espaço para o apoio petista à reeleição do governador capixaba, Renato Casagrande (PSB). Nesta semana, houve uma reunião com os dois

Minutos preciosos

Tempo por bloco de 10 minutos na propaganda no rádio e na tevê

1. Rodrigo Garcia (PSDB) — 4 minutos e 10 segundos
2. Tarcísio de Freitas (Republicanos) — 2 minutos e 23 segundos
3. Fernando Haddad (PT) — 2 minutos e 8 segundos

postulantes para tentar chegar a um acordo, ainda sem definição.

Tucano fortalecido

O acordo do PSDB com o União Brasil para a disputa ao governo do estado também será oficializado, hoje, em evento no Transamérica Expo Center, na capital paulista. O encontro já ocorre em clima de convenção partidária antecipada e terá a filiação de novos membros. O governador Rodrigo Garcia, que tenta permanecer no cargo por mais quatro anos, será apresentado oficialmente como pré-candidato tucano e declarará apoio a Luciano Bivar, presidente nacional do União Brasil, ao Planalto, ignorando o acordo nacional da terceira via com o MDB, que lançou a pré-candidatura da senadora Simone Tebet (MS).

Segundo fontes ligadas ao PSDB, Bivar "foi com tudo" para cima dos tucanos em São Paulo. Dono da maior fatia do Fundo Eleitoral e do maior tempo de televisão e rádio (**veja quadro**) na propaganda obrigatória, o União exige, agora, a vaga de vice — e o PSDB tende a acatar. Além de Milton Leite, o partido de Bivar tem ainda, no portfólio de candidaturas, o ex-ministro da Economia Henrique Meirelles, o ex-secretário da Receita Federal Marcos Cintra, e o presidente da

Confederação Israelita do Brasil (Conib), o médico Claudio Lotenberg.

Outra exigência do União é que Rodrigo Garcia abra espaço em seu palanque para Bivar. Quem perde é a senadora Simone Tebet, que acreditava ter um palanque forte no maior colégio eleitoral do país. Agora, terá que dividi-lo com Luciano Bivar. O governador paulista já declarou publicamente que apoiará os dois candidatos da terceira via à Presidência. Já o PSDB ganha a máquina política do União, ultrapassando os dois principais adversários em tempo televisão e rádio.

No embate em São Paulo, os tucanos estão confiantes de que podem derrotar Tarcísio, já que Haddad não é considerado o alvo principal, no momento, já que a avaliação interna é que quem chegar ao segundo turno contra o petista vencerá as eleições. O crescimento recente de Garcia nas pesquisas, após a saída de Márcio França do páreo, não foi vista com surpresa.

Enquanto Tarcísio tem a militância bolsonarista para o apoiar, o PSDB conta com 27 anos de hegemonia do estado e com praticamente todas as prefeituras paulistas. O partido avalia que era questão de tempo até que o atual governador despontasse, já que o PSDB não tem a mesma agilidade da militância bolsonarista.